

ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA NATUREZA NOS DESENHOS LIVRES DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Profa. Dra. Liana Gonçalves Pontes Sodré
Profa. Titular da Universidade do Estado da Bahia – Campus X
Agência Financiadora: FAPESB

Bolsista PIBIC Isis Tibúrcio Reis
Universidade do Estado da Bahia – Campus X

Bolsista PIBIC Jacqueline Mol Soares Guttin
Universidade do Estado da Bahia – Campus X

RESUMO

Em estudos anteriores constatou-se que as atividades gráficas, como o desenho, podem reproduzir signos que indiquem conhecimentos, interesses, valores, dificuldades, ou seja, através do desenho e das palavras as crianças têm expressado sua subjetividade e favorecido o acesso à cultura da infância e de outras influências presentes no curso de suas vidas. O objetivo desse trabalho é verificar que elementos da natureza estão presentes no desenho livre das crianças, como estão estruturados e o que podem informar sobre a cultura das crianças de uma determinada realidade. Trata-se de uma pesquisa descritiva de uma amostra de crianças com idades que variavam de 4 a 6 anos e que estavam cursando o Infantil I e II das escolas públicas de um município do extremo sul da Bahia. Nos resultados, a categoria *natureza* foi dividida em: elementos da terra e elementos do firmamento. Com relação aos da terra, 29,6% das crianças desenharam flor e 16,6% desenharam árvore. No firmamento, o sol (51,16) e as nuvens (25,59) são os elementos mais reproduzidos. Outros elementos da natureza estão presentes em menor frequência e, de modo geral, são utilizados para complementar as paisagens idealizadas. A presença destes elementos nos desenhos e nas explicações das crianças impõe uma discussão sobre a relação criança x natureza. As figuras humanas e os animais são frequentemente reproduzidos numa paisagem que contém grama, flores, sol e nuvens. Apesar de passar grande parte do dia em ambientes fechados, no momento em que desenhavam, elas retratam espaços abertos. Questiona-se também a presença do sol como uma indicação do interesse pelo ambiente externo e pela natureza presente nesta faixa etária, ressaltando que é um desenho com formas simples (círculo rodeado de traços) e estereotipadas, que denota a influência de modelos facilmente imitados e por isso depende de aprendizagem. Pode-se destacar, ainda, que algumas crianças desenhavam de modo a reproduzir uma paisagem ou uma idéia e que outras utilizam o papel para reproduzir elementos variados. A reprodução de uma paisagem ou de uma idéia está compatível com o sentido estético ou artístico do desenho na perspectiva dos adultos, e a reprodução de elementos variados pode estar indicando os elementos que elas conhecem ou gostam de desenhar. Destaca-se no estudo que o desenho e a fala deixam evidente um jogo dialógico presente durante a produção gráfica e que a criança desenha porque vive em uma cultura que tem na atividade gráfica uma de suas formas de expressão.

Palavras-chave: Criança, Educação Infantil, Desenho, Natureza

ABSTRACT

In previous studies it is evidenced that graphic activities, such as drawing, can reproduce signals that may indicate knowledge, interests, values, difficulties. Through drawings and words, children have been expressing their subjectivity and they have been benefiting from access to childhood culture and from other influences present in the course of their lives. The objective of this work is to verify that elements of nature are present in the free drawings of children, how they are structured and what they can tell about the culture of children from a given reality. This work is about a descriptive study of children who ranged in age from 4 to 6 years old and who were taking kindergarten level classes at public schools in a community in extreme southern Bahia's state. In the results, the category "nature" was divided into: elements of the Earth and elements of the Heavens. Regarding the earthly elements, 29,6% of the children drew flowers and 16,6% drew trees. In the Heavens, the sun (51,16%) and the clouds (25,59%) were the most reproduced elements. Other elements of nature are present to a lesser degree and are used to complement the idealized landscapes. The presence of these elements in drawings and in the children's explanations commands a discussion about the relationship of child vs. nature. The human figures and animals are frequently reproduced in a landscape containing grass, flowers, the sun and clouds. Despite passing the greater part of the day in enclosed environments, the moment that they begin to draw they depict open spaces. The presence of the sun comes into question as an indication of this age group's interest in the external environment and in nature, emphasizing that it is a drawing with simple, stereotypical shapes (a circle surrounded by dashes), which denotes the influence of easily imitated models and depends upon learning. Some children draw in such a way as to reproduce a landscape or idea, while others utilize the paper to reproduce varying elements. The reproduction of a landscape or an idea is compatible with the aesthetic or artistic meaning of the drawing from an adult perspective, and the reproduction of varying elements could be indicating the elements that they know or that they like to draw. Something that stands out in the study is that the drawing and speech make an obvious conversational game evident during graphical production and that children draw because they live in a culture in which drawing activities exist as one of their forms of expression.

Key words: Children, Kindergarten, Drawing, Nature

Interessado em demonstrar como a cultura humana se distancia da cultura de outras espécies, Vygotsky (1994), já no início de seus estudos, chama a atenção para o fato de que a criança pequena era vista a partir de uma analogia com o desenvolvimento das espécies vegetais. A influência desta forma de perceber as crianças contribuiu para

que o espaço reservado a elas fosse denominado de Jardim de Infância[M1]. Como se a maturação neurológica fosse o fator determinante do processo de desenvolvimento nos primeiros anos. Neste sentido, seria suficiente dispensar cuidados para que elas se desenvolvessem. Para ele, ao analisar as crianças sob essa perspectiva, os estudiosos estavam deixando de lado aspectos complexos das transformações que ocorrem nos primeiros anos de vida.

Além de se distanciar desta concepção, Vygotsky procurou fundamentar seus estudos com hipóteses que permitissem compreender como aspectos tipicamente humanos se formavam no curso da história humana e como eles se desenvolvem durante a vida de cada pessoa. Para ilustrar este propósito, ele descreve de forma comparativa estudos sobre inteligência prática com macacos antropóides e crianças e assinala que em vez de mostrar pontos de convergências entre estas duas espécies, o importante é destacar os aspectos especificamente humanos.

O primeiro passo para uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento de crianças pequenas é não separar nos estudos o uso de instrumentos com[M2] o processo de aquisição da fala. A fala tem um papel tão importante quanto a atividade, e quanto mais complexa a atividade maior a importância da fala. Neste sentido, um dos exemplos citados por Vygotsky (1994) é particularmente relevante para nossos estudos. Ele mostra que as crianças pequenas desenham para depois decidir o que está sendo desenhado ou para completar o desenho. Porém, na medida em que vão se tornando aptas a desenhar o que desejam, tornam-se capazes de planejar o que vão desenhar. As crianças vão aprendendo a usar estas linguagens para planejar atividades futuras e analisar atividades passadas. A fala e a ação vão se “enraizando nas ligações entre história individual e história social” (p. 40).

É ela (a fala) que promove mudanças qualitativas nas demais funções, como a percepção e a atenção. Se, por um lado, a percepção visual permite uma perspectiva ampla da realidade que cerca a criança, por outro, a fala vai possibilitando um processo de desenvolvimento, que tem por início o que o autor chama de “rotulação” (p. 43) dos objetos e evolui para uma atenção relacionada ao significado de cada objeto no contexto. A fala vai deixando de ser descritiva para se tornar analítica. A criança vai se tornando

capaz de analisar a importância ou o significado de cada elemento presente no seu campo visual.

Para Vygotsky, neste processo de desenvolvimento, a memória também ocupa um papel importante, pois auxilia a estabelecer nexos entre os elementos vistos de forma objetiva no passado e os que estão presentes em diferentes contextos atuais. Estas relações vão possibilitando a compreensão do significado de cada elemento e de suas perspectivas futuras. São essas as condições para o surgimento de novas funções — “as intenções e as representações simbólicas das ações propositadas” (VYGOTSKY, 1994, p. 48) — e para o favorecimento das ações relacionadas às necessidades das crianças. As atividades deixam de estar relacionadas apenas com os resultados e passam a estar relacionadas com o que o autor chama de “natureza da solução”.

Desse modo, os valores e os significados das ações humanas vão se consolidando como produto do desenvolvimento histórico-cultural. As atividades propositadas ou, como ele denomina, voluntárias, distanciam os seres humanos dos animais, mesmo dos que estão filogeneticamente mais próximos.

Para Pinto e Sarmiento (1997), mais do que os valores ou os significados das ações humanas, as crianças, na medida em que vão se apropriando da cultura na qual estão imersas, expressam também suas contradições. Elas expõem o que está subentendido ou obscurecido nas ações, falas ou expressões dos adultos. Portanto, estudar suas expressões permite não só se defrontar com aspectos da cultura humana, mas também entender melhor a infância.

Por outro lado, é preciso reconhecer que vivemos um momento influenciado por diferentes meios de comunicação e que imagens reais se misturam a imagens criadas, e, assim, as diferentes infâncias vão sendo interligadas. O Homem-Aranha ou o Bob Esponja passam a fazer parte de uma cultura criada para uma infância globalizada. A televisão e a internet têm contribuído para esse processo. Salgado, Pereira e Souza (2005) argumentam que há um excesso de informações disponíveis e que este fato tem abalado as condições da infância na contemporaneidade. Personagens de filmes são utilizados pelas grandes empresas estimulando a fantasia e o desejo das crianças, criando novas necessidades e valores. As crianças passam a conviver em diferentes espaços, articulando informações de um para estar apto a lidar com outro. Um currículo cultural que vai se

modificando ao sabor dos interesses econômicos das grandes corporações e sendo explorado por indústrias de alimentos, livros, brinquedos e roupas, com um sem-número de itens absolutamente prescindíveis.

É preciso conhecer a cultura produzida *pela* criança e *para* a criança, tal como afirma Müller (2006). A autora entende que é preciso considerar que as crianças, independente do grupo social a que pertencem, constroem suas culturas e suas identidades dentro da complexidade de fatores aos quais estão expostas. Infere ainda de seus estudos que a escola, que é um espaço construído *para* a criança, vem ameaçando ou sufocando a infância com as portas fechadas, a falta de interação com o mundo exterior, entre outros aspectos. Por estes e outros fatores, ela ressalta a importância de trabalhos que procuram dar voz às crianças e justifica que para isso é necessário criar condições de interlocução com as crianças.

Para Silva (1998), Vygotsky deixa evidente nos seus estudos que as ações são organizadas através da linguagem, ela é [...] “um recurso mediador na relação do sujeito com outros e consigo próprio, por meio das funções de ordenar e orientar o comportamento”. A autora acrescenta ainda que:

A fala organiza o desenho; quando a criança diz "Vou fazer uma casinha" e dirige sua ação gráfica neste sentido, está sendo orientada pela palavra. Ao mesmo tempo, o desenho organiza a fala, como ocorre quando, por exemplo, determinado grafismo sugere um rio e a criança assim denomina seu traçado, estimulada pela marca gráfica. Este recorte é apenas didático, porque a atividade de desenho é dialeticamente constituída por estes dois movimentos (SILVA, 1998, p. 206).

A autora se propôs estudar as condições sociais de produção do grafismo infantil. Tinha por interesse se deter no jogo dialógico que ocorria durante a produção gráfica e a manipulação dos materiais envolvidos na atividade. Ela não se deteve nas características estruturais do grafismo, mas analisou as relações entre a fala e o desenho. Nas análises, a autora relata que a criança muitas vezes fala ao desenhar e chega a modificar seu desenho em função do que diz. A nomeação compulsória de um desenho pode alterar o seu próprio significado ou pode ocorrer que a nomeação no início seja alterada no curso do desenho e, ao final, o resultado seja outro. Afirma nas suas conclusões que: “a criança desenha porque vive em uma cultura que tem na atividade gráfica uma de suas formas de

expressão. O desenvolvimento do grafismo é marcado pelas interações sociais, o que equivale a afirmar a sua constituição social” (SILVA, 1998, p. 220).

Grubits (2003), estudando desenhos de casas de crianças guarani/kaiowá e kadiwéu, analisou a construção da identidade infantil, nas contradições de ser ou não um indígena dos grupos a que pertencem. Nos desenhos, a autora percebia a existência de signos e regras universais e de aspectos específicos da cultura de cada etnia.

Souza, Camargo e Bulgacov (2003) desenvolveram um estudo em que utilizaram desenhos como uma atividade ligada à imaginação, que se constrói nas inter-relações, mediada pela linguagem, por signos e pelo outro, resultante do processo de apropriação do ambiente cultural vivenciado. As autoras relatam um estudo de caso de uma menina de quatro anos hospitalizada e descrevem como ela expressa as emoções e os acontecimentos vividos durante a hospitalização. Concluem que os desenhos, acompanhados da fala, dão acesso a uma comunicação intersubjetiva, através da qual a criança expressa suas emoções e os conhecimentos que estão sendo propiciados a partir das intervenções médicas.

Além dos trabalhos já citados, pesquisas sobre as proposições de crianças de 4 a 6 anos, de diferentes contextos sociais, sobre o que gostam ou desejariam para a Educação Infantil, têm evidenciado interesses semelhantes. As crianças expressaram através de desenhos e relatos orais que desejam lidar com a *natureza, brinquedos e brincadeiras, atividades ou materiais didáticos e animais* (SODRÉ e SANTOS, 2004; SODRÉ 2005a e 2005b). Tanto as crianças que vivem na cidade, como as que vivem num Assentamento, incluíram nos seus desenhos o desejo de estarem em contato com elementos, como: flores, árvores, plantas, grama e animais. Todas desenham elementos da natureza e a presença deles parece dar indícios do desejo de sair dos ambientes construídos. O que chama a atenção é que esta seria uma dedução perfeitamente viável para as crianças urbanas, contudo vale destacar que estes elementos também estão presentes nos desenhos das crianças de 4 a 6 anos de um assentamento do MST da região. São crianças que nasceram e vivem praticamente no ambiente externo, pois dormem em barracas de madeira coberta com plástico preto.

Nos desenhos e nas descrições orais, o que diferenciam as crianças são elementos específicos de cada contexto que têm sido englobados em categorias, cujas denominações podem indicar aspectos relevantes sobre o contexto cultural de cada grupo estudado. Por exemplo, as crianças do MST desenharam um conjunto de elementos que foram para uma categoria denominada *materiais de construção* (blocos para construção, telhas e janela). A preocupação delas com os aspectos construtivos está relacionada com o longo período de ocupação em residências precárias. As análises elaboradas a partir destes estudos têm ressaltado a importância da relação criança x natureza. Os demais elementos presentes nos desenhos ou descritos nas falas das crianças também têm contribuído para um melhor conhecimento das diferentes crianças, no que elas se assemelham e se distanciam.

De acordo com Demartini (2002), para melhor estudar as crianças, os estudos devem recorrer a estratégias que permitam *ouvir* as crianças. Relata[M3] pesquisas em que as diferentes pessoas de uma família (crianças, jovens e adultos) descrevem de forma distinta um mesmo evento. Crianças de um mesmo grupo social ou que estejam vivenciando uma mesma circunstância podem dar informações relevantes sobre a realidade a qual estão submetidas e sobre os elementos que estão compondo sua subjetividade.

Existe um sem-número de trabalhos sobre os desenhos infantis, tal como os de Willats (2005), Silva (1998) e os demais autores citados, que analisam diferentes questões. Porém, a exemplo de estudos como os de Muller (2006) e Sodré (2006), na pesquisa aqui relatada interessava desenvolver um estudo descritivo dos elementos da natureza presentes nos desenhos livres de uma amostra representativa de crianças que freqüentam a Educação Infantil em uma cidade do extremo sul da Bahia. O objetivo desse trabalho é verificar que elementos da natureza estão presentes no desenho livre das crianças, como estão estruturados e o que podem informar sobre a cultura das crianças de uma determinada realidade.

O ESTUDO

Desenvolvemos uma pesquisa descritiva de uma amostra de crianças com idades que variavam de 4 a 6 anos de idade e que estavam cursando o Infantil I e II das Escolas

Públicas do Município de Teixeira de Freitas. Cabe ressaltar que, como o trabalho de campo foi realizado nos meses de outubro e novembro, algumas das crianças das turmas de quatro e cinco anos já haviam completado cinco e seis anos, respectivamente.

A cidade de Teixeira de Freitas tem aproximadamente 110 mil habitantes, fica no extremo sul da Bahia, às margens da BR 101, distante 975 km da capital - Salvador. Como está próxima dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo e tem apresentado um desenvolvimento diferenciado, tem recebido forte influência destes dois estados.

Estão cadastradas 18 escolas municipais, que possuem turmas de Educação Infantil. Como se trata de um estudo populacional, para ter representatividade realizamos um sorteio de quatro escolas, o que corresponde a 20% do universo.

Os instrumentos definidos para o estudo foram desenhos livres, solicitados às crianças. Além dos desenhos, registramos as suas explicações ou descrições, mas isso não era obrigatório, só transcrevíamos as falas espontâneas das crianças. Foi suficiente levar folhas de papel sulfite branco, caixas de lápis de cera e uma Folha de Registro¹ para cada criança.

Cada criança foi convidada a realizar um desenho livre, e durante a reprodução registrávamos as falas espontâneas. Aplicamos os instrumentos em cem crianças, sendo 54 de 4 e 5 anos e 46 de 5 e 6 anos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os elementos presentes nos desenhos livres foram tabulados em categorias de modo a permitir uma melhor visualização dos aspectos que compõem o imaginário das crianças. As categorias identificadas, por ordem de frequência, foram: 1) *natureza*, 2) *elementos gráficos*, 3) *pessoas*, 4) *brinquedos e elementos para diversão*, 5) *edificações*, 6) *animais*, 7) *meios de transporte*, 8) *personagens* e 9) *diversos*. A categoria *natureza* foi a de maior frequência, tanto para as crianças do Infantil I quanto para as do Infantil II. Em segundo lugar, pode-se afirmar que as crianças dos dois grupos gostam de desenhar *elementos gráficos* e *pessoas*. Já a categoria *brinquedos* esteve muito mais frequente

¹ Apenas com um cabeçalho para sua identificação, ficando o espaço restante para as transcrições das falas de cada criança sobre cada desenho.

entre as crianças menores, enquanto que a categoria *edificações* obteve maior frequência entre as crianças maiores. Percebe-se que na categoria *animais* a frequência foi a mesma para todas as crianças. As demais categorias (*meios de transporte, personagens e diversos*) estão presentes, mas com baixa incidência.

As categorias natureza, brinquedos e animais também foram identificadas nos estudos de Sodré (2005a e b). Contudo, como era uma pesquisa em que as crianças desenhavam para responder a uma ou mais perguntas sobre o espaço educacional (o que mais gostam e o que desejam), estas categorias e os demais elementos presentes neste estudo devem estar relacionados com a livre expressão dos elementos da cultura das crianças. Devem ser elementos que elas conhecem ou gostam de desenhar e que também fazem parte do ambiente cultural das crianças.

Na análise, a categoria *natureza* foi dividida em: elementos da terra e elementos do firmamento. Com relação aos elementos da terra, das 54 crianças do Infantil I, 16 (29,6% das crianças) desenharam flor e 9 (16,6%) desenharam árvore. Portanto, subtraindo o número de árvores e flores ($16 + 9 = 25$) dos 35 elementos da natureza (terra), restaram 10, que foram elementos variados, tais como: folha, terra, grama, capim, tomate e prainha. O mesmo pode-se dizer com relação às crianças do Infantil II, haja vista que dos 41 elementos da terra 12 (29,3%) desenharam flor e 11, árvore (26,8%). Percebe-se que quase todos os demais elementos dessa subcategoria (grama, terra, folha, capim) serviam como elemento de composição para a flor ou a árvore para as crianças de 4 e 5 anos (ver figuras 1 e 2). [M4]O tomate foi desenhado apenas por uma criança, assim como a prainha. Esta última é uma referência a locais que as crianças freqüentam na região, pois chamam de prainha a areia na beira do rio ou do mar.

Na figura 1, a criança informa que vai desenhar uma flor e coloca folhas no talo (*vou fazer bem gordinha*). Este é um exemplo claro que o desejo de desenhar uma flor fez com que ela procurasse compor a paisagem com a terra, o caule e as folhas. Ao desenhar o sol ela também sentiu a necessidade de desenhar nuvens. Esses elementos da natureza compõem a imagem desejada — a coleginha passeando com o cachorro. Outro aspecto a ser ressaltado é a interlocução que o desenho propiciou.² Na medida em que vai

² É preciso esclarecer que nos desenhos livres as pesquisadoras não perguntavam às crianças o que elas haviam desenhado. Algumas faziam questão de mostrar ou explicar os desenhos e, nesses casos, as

desenhando, a criança fala com a pesquisadora, explica o desenho, conta o que aconteceu com o cachorro chocolate', que era dela e morreu. Pode-se pressupor também que, como ela trazia o 'chocolate' para a escola, desenha simbolicamente uma coleginha dando tchau com as duas mãos. Tal como nos estudos de Souza, Camargo e Bulgacov (2003), tendo em vista que a pesquisadora ofereceu à criança um espaço privilegiado de atenção e de interlocução ela pôde expressar as emoções acerca de um acontecimento vivido. É um bom exemplo de que os desenhos, acompanhados da fala, dão acesso a uma comunicação intersubjetiva, na qual a criança expressa emoções, acontecimentos e conhecimentos.

Figura 1



Descrição da criança: *Vou desenhar minha coleginha dando tchau com as duas mãos, a terra e o cachorro. Eu tinha um cachorro chamado chocolate, bem pretinho, que eu trazia para a escola. – sabe por que eu não trago mais? Porque ele teve uma virose e morreu, o do meu pai que era muito bravo, também. Vou desenhar uma flor e uma corrente que a minha coleginha está segurando, vou fazer um cachorro bem colorido. Há esqueci das folhas – vou fazer bem gordinhas, tem um sol, tenho que pintar o sol e as nuvens. Você pensa que o sol é branco? Não é não, é amarelo.*

Figura 2

pesquisadoras anotavam na folha de registro as explicações. Entendíamos que se a criança fosse inquirida sobre o desenho ela poderia procurar justificar o que havia desenhado: “inventando” explicações que justificassem traços livres ou formas que se assemelhassem a algo.



Desenho não comentado pela criança.

Na figura 2, uma outra criança também desenha uma figura humana, aparentemente feminina, e compõe a paisagem com a terra, uma árvore, flores, o sol e nuvens (ou vice-versa). A criança não conversou com a pesquisadora, nem durante a elaboração do desenho, nem após tê-lo concluído. Diferentemente da outra criança, ela apenas realizou a tarefa solicitada (o desenho) e, desse modo, não é possível afirmar outra coisa a não ser que retrata possivelmente uma menina num jardim em um dia de sol. Provavelmente, é o tipo de desenho que é reconhecido e valorizado pelos adultos - uma paisagem com cores variadas, flores e sol.

Quanto aos elementos do firmamento, além do sol e das nuvens, as crianças desenharam: céu, chuva, estrela, lua e trovão. A tabela 1 mostra que depois do sol e das nuvens, a frequência dos demais elementos é pequena e, de modo geral, compõem a paisagem desenhada pelas crianças. Dito melhor, as crianças desenharam o sol em primeiro lugar, mostrando que estão desenhando um espaço aberto, e vão compondo a paisagem com nuvens, chuva e trovão. Poucas (3) desenharam a lua e complementaram o firmamento com estrelas.

A reprodução da lua, tal como a reprodução do sol, pode ser mais um elemento da natureza que a criança aprendeu a reproduzir de forma estereotipada. O sol é um desenho com formas simples (círculo rodeado de traços) que denota a influência de modelos facilmente imitados e por isso depende de aprendizagem. Em estudos com crianças que não frequentam espaços educacionais, como as de um Assentamento do MST (SODRÉ, 2005b), o sol, que estava muito presente nos desenhos das crianças da cidade, não foi encontrado. As^[M5] crianças e suas famílias olham para o tempo, as nuvens, o sol e a chuva, haja vista que elas vivem da terra e do que dela produzem. ^[M6]É possível que o sol

tenha sua representação gráfica facilitada pela experiência da educação infantil. Assim como as nuvens, são desenhos estereotipados que as crianças logo aprendem a reproduzir assim que começam a freqüentar a escola.

Tabela 1

Elementos do firmamento presentes nos desenhos livres das crianças da educação pública.

Elementos da natureza/firmamento	Infantil I	Infantil II	TOTAL
Sol	6	16	22
Nuvem	3	8	11
Chuva	1	2	3
Lua	1	2	3
Céu	1	0	1
Estrela	2	0	2
Trovão	0	1	1
Total	14	29	43

* Pesquisa de campo, 2006.

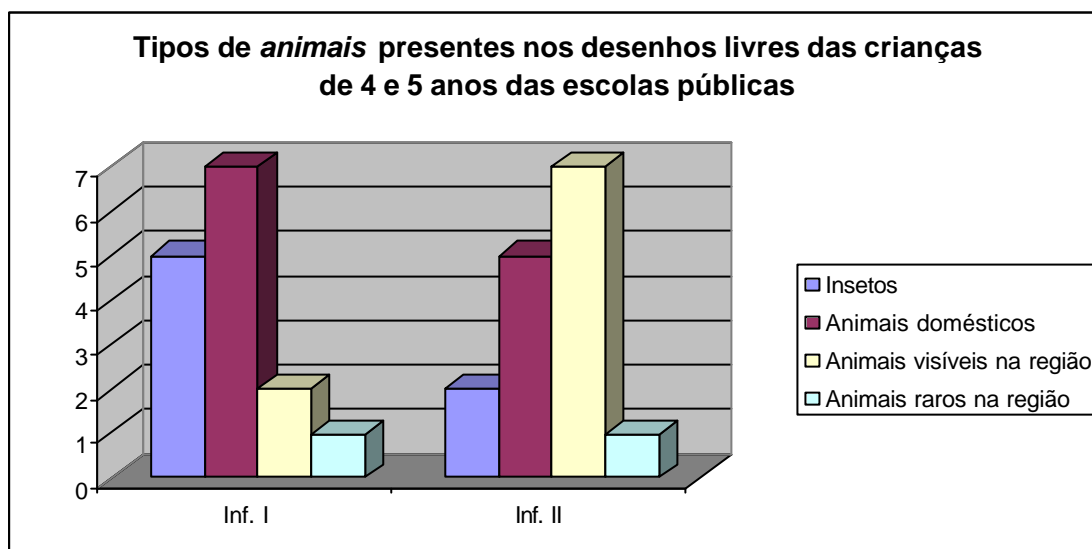
Além dos elementos da terra e do firmamento, 15% das crianças desenharam *animais* (ver gráfico I). Esta subcategoria dos elementos da natureza foi dividida em: insetos, animais domésticos e animais da região. A divisão foi necessária para a análise dos animais que as crianças têm sido confrontadas em passeios, atividades e histórias. A divisão também deixa evidente que os animais de outros contextos, geralmente vistos em livros ou nos zoológicos, não estão presentes nos desenhos livres das crianças.

Quanto aos insetos, a borboleta foi o animal mais desenhado (20% dos desenhos de animais das crianças do Infantil I e 13,3% das do Infantil II). Com apenas uma incidência as crianças desenharam outros insetos como a aranha e a formiguinha. Provavelmente, a beleza estética e a forma padronizada utilizada para reproduzir a borboleta devem estar contribuindo para o índice de reprodução desse elemento.

Os animais domésticos desenhados foram: cachorro, coelho, galinha, gato, passarinho, patinho e pintinho. Desses, o mais desenhado foi o cachorro (20% para as crianças do Infantil I e 6,6% para as crianças do Infantil II). Além desses animais, as crianças desenharam também outros que são facilmente visíveis na região: vaca, boi,

cavalo, morcego e peixe. Todos foram desenhados em uma ou duas incidências no máximo. Apenas o desenho de um jacaré e de uma onça cai numa categoria de animais que são da região, porém difíceis de ser encontrados. Possivelmente, as crianças podem ter ouvido histórias ou visto esses animais nas propriedades rurais que freqüentam.

Gráfico I



Um outro aspecto que merece ser ressaltado da análise dos desenhos das crianças é a estruturação dos desenhos. Algumas crianças vão reproduzindo uma série de elementos que não têm relação (flor, coração, boneca, peixe, rainha, entre outros) e ocupa todo o papel com estes elementos. Conseqüentemente, este tipo de desenho demonstra que a criança não tinha uma proposição única. Entende-se que a criança vai desenhando elementos aleatoriamente sem um propósito definido.

Já nas figuras 1 e 2, o papel é utilizado em sua totalidade como uma paisagem. Na parte de baixo, a terra serve de base para a menina, o cachorro e as flores, e bem acima, para caracterizar que é o firmamento, as crianças desenharam o sol e as nuvens. Portanto, fica evidente que a criança estruturou o desenho de modo a compor uma paisagem ou uma idéia.

Tabela 2

Desenhos estruturados com uma ou mais proposições pelas crianças no desenho livre.

Aspectos analisados	Infantil I	Infantil II	Total
Uma proposição	22	27	49
Mais de uma proposição	27	15	42
Estruturação duvidosa	5	4	9
Total	54	46	100

* Pesquisa de campo, 2006.

A Tabela 2 deixa evidente que as crianças maiores desenhavam em maior frequência (27) elementos estruturados a partir de uma idéia ou proposição. Se analisarmos o fator tempo como a indicação de um período maior de exposição e experiências, podemos pressupor que as menores devem estar menos expostas às influências e por isso estão desenhando mais elementos diversos e/ou desconexos (27) do que os maiores (15). Ou seja, elas utilizam o papel para reproduzir uma série de elementos variados, tais como: um avião, uma cobra, duas figuras humanas, distribuídos de forma aleatória no papel.

Na linha final da Tabela 2, verifica-se que algumas crianças (9) parecem iniciar o desenho com uma proposição, porém, no decorrer da atividade vão acrescentando outros elementos, e desse modo a estruturação, ao final, fica duvidosa. Elas acrescentam elementos que aparentemente não estão relacionados com a idéia inicial.

Esta análise dos desenhos permite afirmar também que os elementos da natureza são os que mais contribuem para a estruturação dos desenhos (como paisagens), tendo em vista que dificilmente as crianças desenhavam ambientes internos. Das cem crianças estudadas, apenas duas crianças não estruturaram os desenhos com elementos da natureza; elas o fizeram com personagens de desenhos animados de séries da televisão : uma desenhou apenas o Bob Esponja e o outro desenhou o Dragon Ball.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos desenhos livres das crianças pode-se destacar, inicialmente, que algumas desenhavam de modo a reproduzir uma paisagem ou uma idéia e que outras utilizavam o papel para reproduzir elementos variados. Estas duas distintas formas de utilização do papel dão condições para a elaboração de algumas hipóteses, quais sejam: a

reprodução de uma paisagem ou de uma idéia está compatível com o sentido estético ou artístico do desenho na perspectiva dos adultos; ao reproduzir elementos variados, as crianças estão indicando os elementos que conhecem ou gostam de desenhar.

Caso elas se confirmem, a primeira hipótese pode configurar uma forte influência da cultura do adulto nos desenhos infantis, e a segunda permitiria identificar os elementos que as crianças gostam, conhecem ou desejariam desenhar. São análises que dão indícios de como a cultura adulta pode estar sendo incorporada a partir da produção das crianças. Talvez por isso, as menores estejam desenhando mais elementos variados e as maiores, por estarem há mais tempo convivendo com adultos, estejam mais interessadas em reproduzir uma paisagem ou uma proposição. Por outro lado, se considerássemos que elas desenhavam apenas o que sabem reproduzir, na perspectiva estética dos adultos, elas não estariam reproduzindo gavetas do mesmo tamanho de uma igreja ou elementos variados e aparentemente desconexos. São análises divergentes que podem indicar as mudanças que estão ocorrendo nesta faixa etária.

Estas e outras discussões podem servir de base para estudos futuros, porém, nos parece importante identificar quais são os elementos que as crianças gostam ou desejam reproduzir. Neste sentido, os elementos da natureza são os mais frequentes, o que nos remete, tal como em Sodré (2005a e b), à discussão sobre a relação criança x natureza. As figuras humanas e os animais são frequentemente reproduzidos numa paisagem que contém grama, flores, sol e nuvens. Apesar de passarem grande parte do dia em ambientes fechados, no momento em que desenhavam, as crianças retratam espaços abertos. Educadores e responsáveis pela educação infantil precisam dar mais atenção a este fato e redimensionar as atividades planejadas — em ambientes internos e externos. Para Muller (2006), é preciso propiciar às crianças a oportunidade de desfrutar dos espaços abertos e do contato com a natureza.

A depender da qualidade do espaço e da variedade de opções (árvores, arbustos, grama, ladrilhos, areia e um galpão com material solto, cordas, bolas, sucatas e outros), o espaço físico externo pode contribuir ainda mais para o desenvolvimento infantil, favorecendo as brincadeiras e as interações com o grupo e propiciando melhores condições de saúde para as crianças.

Os estudos descritivos podem fornecer informações relevantes para a análise do processo de desenvolvimento e dos valores e significados das ações humanas que vão se consolidando como produto do desenvolvimento histórico-cultural. Através do desenho, as crianças foram reproduzindo signos que retratam os conhecimentos adquiridos, bem como os interesses e as dificuldades. Com o desenho e as palavras das crianças foi possível ter acesso à cultura da infância e de outras influências presentes na história de vida delas.

REFERÊNCIAS

DEMARTINE, Z. de B. F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A. L. G. de; DEMARTINE, Z. de B. F. PRADO, P. D. *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. São Paulo: Autores Associados, 2002, p. 1-17.

GRUBITS, S. A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil. *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. especial, p. 97-105, 2003.

MÜLLER, F. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 95 maio/ago., 2006. Acesso scielo.br em 22 de fevereiro de 2007.

PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (Coord.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

SALGADO, R. G.; PEREIRA, R. M. R.; SOUZA, S. J. e. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 25, n. 65, p. 9-24, 2005.

SILVA, S. M. C. da. Condições sociais da constituição do desenho infantil. *Psicologia*, São Paulo, USP, v. 9, n. 2, p. 205-220, 1998.

SODRÉ, L. G. P.; SANTOS, E. M. dos. Qualidade das edificações para educação infantil: estudo de caso com apreciação das crianças [Resumo Ampliado]. In: Associação Brasileira de Educação Infantil (Org.). IV Congresso Internacional de Educação Infantil: Onde tudo começa. Saberes e fazeres na Educação Infantil. *Anais*. Rio de Janeiro, 2004. p. 149-155.

SODRÉ, L. G. P. As indicações das crianças sobre uma edificação adaptada para a Educação Infantil. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, a. 5, n. 1, p. 73-91, 2005a.

_____. Crianças de um assentamento do MST: proposta para um projeto de educação infantil. *Revista Estudos de Psicologia*, Natal, v. 10, n. 2, 2005b.

SOUZA, S. V. de; CAMARGO, D. de; BULGACOV, Y. L. M. Expressão da emoção por meio do desenho de uma criança hospitalizada. *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. 1, p. 101-109, 2003.

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WILLATS, John. *Making sense of children's drawings*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.